



Memórias sobre o Islã na revista *Veja*: antes e depois do 11/09¹

Valquiria Michela John²

Universidade do Vale do Itajaí

Karina da Cunha Pizzini³

Universidade do Vale do Itajaí

Resumo

Em 2011, foram lembrados os 10 anos dos atentados às Torres Gêmeas e ao Pentágono nos Estados Unidos. As notícias relacionadas ao fato ou à perseguição dos culpados foram comuns nos noticiários em todo o mundo. No Brasil não foi diferente. A revista de maior circulação nacional, *Veja*, apresentou várias capas desde o ocorrido que traziam o terrorismo ou o islamismo, normalmente interligados. Analisamos de que forma o islamismo foi representado na revista. Foram analisados 20 anos da revista, sendo 10 correspondentes à década que antecedeu o 11/09 e 10 anos posteriores ao fato. Devido à quantidade de material coletado durante o período, 1.036 no total, optamos por analisar somente a capa das edições, já que é nela que o leitor encontra o resumo das principais matérias da edição. Foram analisadas todas as capas correspondentes ao período de 11/09/1991 a 14/09/2011. Desta forma pudemos verificar, também, se houve mudança na representação do islamismo depois dos atentados.

Palavras-chave: Islamismo; Representação; Revista *Veja*.

Introdução

Os atentados ao World Trade Center e ao Pentágono, nos Estados Unidos, chamaram atenção do Ocidente para a cultura islâmica. Após o 11 de Setembro de 2001, essa cultura e sua religião ficaram ainda mais evidentes em função da constante veiculação na imprensa sobre as causas e os responsáveis pelos ataques. No Brasil

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 07 – Comunicação, Consumo e Memória: cenas culturais e midiáticas, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Doutora em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFRGS. Professora do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí - Univali, pesquisadora do grupo Monitor de Mídia. Email: vmichela@gmail.com.

³ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí – Univali. Email: karinapizzini@gmail.com



não foi diferente. O tema passou a ser capa e manchete de jornais, revistas e noticiários televisivos. No país, predominantemente cristão, pouco se conhecia sobre o Islã até o 11/09. A partir desse marco, milhões de pessoas passaram a ver, ler e ouvir constantemente informações sobre a religião islâmica e sua relação com o ocorrido nos Estados Unidos.

No imediatismo do fato, seria inviável ou impossível apresentar todo o contexto do que acontecia, pois até então não se sabia ao certo do que se tratava. Porém, na ânsia de trazer o *furo* jornalístico ou de noticiar o acontecimento, se observou a existência de muitos comentários em que se dava a entender que a religião islâmica era a responsável pelos atentados. Generalizações eram feitas na tentativa de trazer respostas rápidas ao público.

Mesmo após o fervor dos acontecimentos – e dez anos passados –, ainda era possível observar as consequências de um imaginário construído a partir daquele fato e do que foi dito a esse respeito. Ali Kamel (2007) observou, na apresentação de seu livro *Sobre o Islã: a afinidade entre os muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo* que, a partir do 11/09, islamismo e terrorismo passaram a ser vistos como *sinônimos*. Nas revistas, principalmente, em que há maior tempo para produção e espaço para publicação, o superficialismo e as generalizações não deveriam ocorrer.

A partir dessa premissa e na tentativa de contribuir para desmistificar e conhecer um pouco o islamismo surgiu a ideia do presente estudo, principalmente tendo em vista que, para se tratar fatos com esse perfil – que ultrapassam as fronteiras com características tão distantes da realidade brasileira – a mídia é, muitas vezes, a principal fonte de informação para a formação crítica sobre o assunto. Optou-se por estudar uma revista, sobretudo, por se considerar que o jornalismo de revista permite maior tempo de apuração e tratamento das matérias além de servir como documento histórico devido à sua maior durabilidade e aprofundamento dos fatos tratados (SCALZO, 2004). Baseada na afirmação de Scalzo (2004, p. 16) de que é possível “compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas”,



optou-se pela revista *Veja*, sobretudo por ser o periódico de maior circulação no Brasil, com uma tiragem superior a um milhão de exemplares/semana.

Considerando ainda que o jornalismo é um espaço de construção de representações, se buscou analisar de que maneira o islamismo foi representado nas capas da revista *Veja* durante 20 anos, 10 dos quais antecederam o 11 de Setembro, e os 10 anos seguintes. Uma vez que as Representações Sociais se manifestam através da linguagem e por vezes “revelam a visão do mundo de determinada época” (MINAYO, 2000, p. 109), é possível verificar, através do conteúdo jornalístico, de que maneira o veículo colaborou na construção da *representação* – positiva ou negativa – da cultura islâmica.

Procedimentos adotados

A técnica escolhida para a coleta e decodificação dos dados levantados foi a Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bardin (2004), a qual sugere uma análise dividida em três etapas: 1) pré-análise; 2) a exploração material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A *pré-análise* objetiva um reconhecimento do objeto a ser analisado e serve como uma forma de organização inicial para o avanço às etapas seguintes. Nesta fase, Bardin (2004) sugere uma forma sistemática de exploração do objeto: a leitura flutuante; a escolha dos documentos; a formulação das hipóteses e dos objetivos; a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, e a preparação do material.

Os termos determinados a partir da leitura flutuante das capas que fazem parte do *corpus* de análise foram: Islamismo, Islã, Islâmico (a), muçulmano (a), 11 de Setembro, 11/09, Torres Gêmeas, World Trade Center, WTC, terrorismo, terror, religião, Osama Bin Laden, atentado, Al-Qaeda, radicalismo, extremismo, fundamentalismo e Talibã.⁴ Para que fosse possível avançar à segunda etapa – a

⁴ Além de outros termos, imagens ou ilustrações que fazem referência a qualquer uma destas terminologias, como símbolos americanos e ocidentais, e/ou, da religião e cultura islâmica.



exploração do material – foram utilizadas todas as capas⁵ publicadas no período estabelecido. Na sequência, foram identificadas as publicações que trouxeram imagens e textos que retratavam a cultura/religião islâmica,⁶ de forma direta ou indireta.⁷

Na sequência, Bardin (2004, p. 94) sugere que: “Após a pré-análise devem ser determinadas operações: de *recorte de texto* em unidades comparáveis de *categorização* para análise temática e de modalidade de *codificação* para o registro dos dados”. Este recorte é de ordem semântica, quando **termos** ou **palavras-chave** são determinadas e extraídas do conteúdo para a categorização e análise. O pesquisador deve escolher a *unidade de registro* que melhor se enquadre no objeto e na análise escolhida para a realização das próximas etapas. A unidade de registro “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização e a contagem frequencial”. (BARDIN, 2004, p. 98)

Foram selecionados como *unidades de registro* a **palavra** e o **tema**. Bardin (2004, p. 98) explica que “todas as palavras podem ser levadas em consideração ou podem-se reter unicamente às palavras-chave ou às palavras-tema (*symbols*, em inglês); pode igualmente fazer-se a distinção entre palavras plenas e palavras vazias [...]”. Já a análise temática é mais de ordem psicológica, pois conforme a autora é uma “unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.”. (p. 99)

Após a definição da unidade de registro e depois de observar todas as capas selecionadas durante a pré-análise, foi possível reagrupar os termos selecionados na pré-análise de acordo com os seguintes temas: Islã, 11/09, Estados Unidos,

⁵ A partir do Acervo Digital da própria revista que está disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

⁶ Optamos pelo uso das palavras agregadas, pois Nabhan (1996, p. 10) explica que a relação histórica, política e religiosa do Islã é tão complexa que o termo *islã* ou *árabe* identifica “um sistema de cultura que se sedimentou através da prática do islamismo”.

⁷ Quando não foi possível identificar o tema através dos signos expostos na capa, se recorreu à reportagem para identificar o conteúdo.



Terrorismo, Oriente Médio, Israel x Palestina e Osama Bin Laden. No processo de categorização foi possível, portanto, encontrar os primeiros resultados da análise. Conforme Bardin (2004, p. 111) “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. Partiu-se então, para a última parte da AC - a *inferência* e a *interpretação dos dados*.

Segundo Bardin (2004, p. 104) as palavras ou termos são analisados de acordo com o seu *direcionamento no texto*, ou seja, quanto ao grau de sentido que é dado ao texto ou parte dele. Esse direcionamento pode ser negativo, positivo, neutro ou ambivalente. O direcionamento *positivo* é visto quando o texto emprega valores ou um contexto que gera interpretação positiva sobre uma palavra ou termo-chave, como é o caso do Islã. Já o *negativo* ocorre da mesma forma, porém, quando os valores empregados geram um sentido negativo, como a apropriação dos termos Islã e terrorismo, por exemplo. No direcionamento *neutro* – a palavra, ou termo-chave –, não recebe sentido positivo ou negativo, enquanto que o *ambivalente* pode gerar interpretação de ambos os sentidos, positivos ou negativos. Sendo assim, neste estudo foi analisada a *direção* abordada nos textos presentes nas capas selecionadas referentes, unicamente, à religião islâmica.

A representação do islamismo em Veja

Como dito, na primeira etapa deste estudo foi realizada a leitura flutuante das capas das 1.036 edições pré-selecionadas da revista *Veja*, correspondentes ao período de 11/09/1991 a 14/09/ 2011, momento em que foi possível observar e verificar a existência do fenômeno da representação. A partir de então foram coletadas as capas que, depois, foram novamente separadas em dois períodos: a década que antecedeu o 11/09/2001, com 518 edições e a década que se sucedeu ao fato, com mais 518 edições.

Somente 83 capas do montante total foram pré-selecionadas por trazerem imagens ou chamadas que pudessem ter relação direta ou indireta com o islamismo.



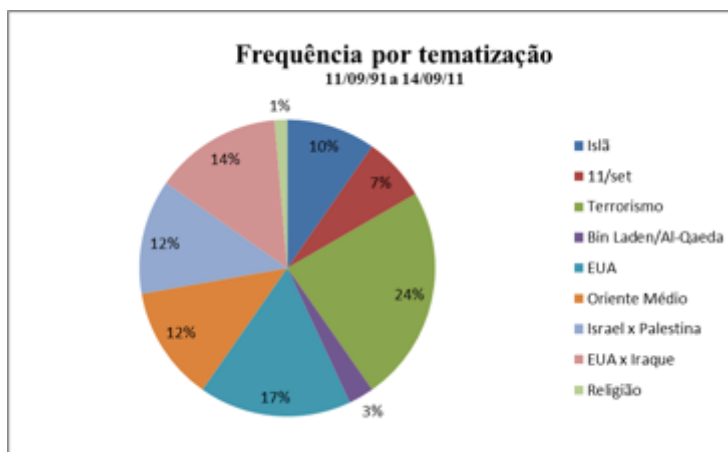
Em algumas delas foi preciso recorrer à reportagem, para que fosse possível identificar o assunto a que a chamada ou imagem se referiam. Nesse processo de *filtragem* foram descartadas seis edições. Desta forma, 77 capas foram categorizadas, sendo que cinco delas estiveram presentes em mais de uma categoria.

Quadro 1 – Seleção e categorização das capas

	Islã	11/09	Terrorismo	Bin Laden/Al-Qaeda	EUA	Oriente Médio	Israel x Palestina	EUA x Iraque	Religião	Total
Antes 11/09	1	-	2	-	-	1	3	-	1	8
Depois 11/09	6	5	15	2	12	8	6	10	-	52
Total	7	5	17	2	12	9	9	10	1	72 ⁸

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras baseada nos dados analisados

Gráfico 1 – Categorias de acordo com a frequência



Fonte: Gráfico realizado pelas autoras baseado nos dados levantados nesta pesquisa

Através do gráfico acima, fica evidente o destaque a temas relacionados ao terrorismo, 24%, lembrando que conforme demonstrado na Tabela 1, eles passaram a ser constantes nas capas da revista *Veja* depois do 11/09. O Islã, por sua vez, representou 10% das capas da revista, no montante de sete edições, mais as três

⁸ Nesta tabela estão somente as capas que estiveram classificadas em uma única categoria, sendo que cinco, do total de 77, estiveram presentes em mais de uma categoria e, portanto, serão explicadas na sequência.



edições não classificadas na tabela e no gráfico (aquelas que foram classificadas em mais de uma categoria).

Alsina (2009, p. 130) afirma que “os acontecimentos [...] tornam-se, através de sua representação pela mídia, manifestações que perduram, documentos”. Por mais que, conforme o autor, a construção da realidade deva ser encarada “como sendo um processo com diversos níveis de articulação” (p. 233), e que uma delas é a própria realidade da vida cotidiana de cada ser humano, não se deve desconsiderar a importância da mídia neste processo individual e social do homem.

Tendo isso em vista, lembramos que em 20 anos a revista *Veja* trouxe dez capas relacionadas ao Islã, sendo somente uma no período anterior ao 11/09. Consideramos natural que o tema tenha sido pauta nos noticiários e na imprensa de todo o mundo após os atentados contra os Estados Unidos. Porém, lembrando Alsina (2009), a ausência do tema também é uma forma de representá-la.

Deve-se ainda levar em conta que toda representação é uma simplificação da realidade. O jornalista, ao construir uma notícia através da releitura de um fato, simplifica tal realidade. Sá (1998) explica que na própria construção do objeto de pesquisa, como esta, por exemplo, o fenômeno estudado também se torna simplificado “já que as representações que compõem o ‘ambiente de pensamento’ da vida cotidiana englobam, de forma complexa, fluida e entrecruzada, numerosos e diversos assuntos de conhecimento e numerosos grupos ou conjuntos de sujeitos conhecedores”. (SÁ, 1998, p. 24)

De acordo Bardin (2004), a mensagem pode ser analisada através do código e da significação. Sendo assim, classificou-se através do código, com a utilização da *enumeração* de Bardin (2004), a *direção* das representações atribuídas ao Islã. Segundo a autora, as palavras ou termos são analisados de acordo com o seu direcionamento no texto, podendo ser negativo, positivo, neutro ou ambivalente.⁹

⁹ Conforme identificado no capítulo sobre a metodologia.







Quadro 2 – Enumeração e *direcionamento* das chamadas sobre o Islã

Capas Categoria “Islã” ¹⁰	Descrição das chamadas	Direção do texto ¹¹
 Capa 1638 – 01/03/2000	“ Islã : a derrota do fanatismo : o mundo respira aliviado com sinais de enfraquecimento na linha dura muçulmana ” Legenda: “Mulheres e criança do Irã, onde os reformistas venceram as eleições para o Parlamento”	Negativo Negativo
 Capa 1721 – 10/10/2001	“ Fundamentalismo. A fé cega e mortal : - O cerco aos homens das cavernas no Afeganistão - Osama Bin Laden tem células em mais de 40 países - Os fundamentalistas querem dominar o mundo em nome de Alá - A rotina de submissão e tortura da mulher em certos países islâmicos ”	Negativo Negativo Negativo
 Capa 1942 – 08/02/2006	“Guerra de civilizações: A radicalização religiosa está cavando um abismo crescente entre o mundo islâmico e o Ocidente”	Negativo
 Capa 1995 – 14/02/2007	“ Irã : Nossos repórteres contam como é o país dos aiatolás atômicos ”	Negativo
 Capa 2069 – 16/07/2008	“Oriente Médio: Os riscos de uma guerra contra o Irã ”	Neutro
	“ Terror nuclear: O Irã já tem o foguete e agora busca a bomba”	Negativo


¹⁰ Capas que trouxeram o Irã como assunto principal também foram categorizadas neste tema, pois o país é regido pela *Sharia*, as leis impostas pelo Alcorão.

¹¹ Conforme Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2004).



 <p>Capa 2152 – 17/02/2010</p>		
 <p>Capa 2165 – 19/05/2010</p>	“As mulheres de Cabul: Nossa repórter foi ao Afeganistão e relata os <u>horrores da vida sob a burca</u> ”	Negativo
 <p>Capa 2202 – 02/02/2011</p>	“Oriente Médio: Nada pode deter a marcha dos <u>radicais islâmicos</u> rumo ao <u>poder</u> ”	Negativo
 <p>Capa 2206 – 02/03/2011</p>	“Especial Oriente Médio. Guia para entender a crise. - <u>Ódio religioso: a espantosa pregação dos clérigos muçulmanos sobre as mulheres e o terror</u> -Petróleo: O mundo ainda para sem as exportações árabes - Geopolítica: Até agora só o Irã ganhou com as revoltas - Ocidente: O vale-tudo que produziu ditadores sanguinários - Israel: O dilema de se armar ainda mais ou buscar a paz possível - Internet: O real papel das redes sociais nas insurreições Sob as ruínas do tirano: <u>Sem os ditadores, a Líbia de Kadafi e outros países islâmicos vão piorar muito antes de melhorar.</u> ”	Negativo



 <p>Capa 2216 – 11/05/2011</p>	<p>“O mundo depois de Bin Laden: O terrorista está no fundo do mar, mas suas ideias ainda vivem” ESTADOS UNIDOS Como a maior vitória de Barack Obama muda o cenário político ANTIAMERICANISMO A doença psíquica e a ‘beatificação’ de Bon Laden A ELITE DA TROPA O papel das forças especiais na guerra contra o terror <u>ARTIGO Por que Bin Laden foi o maior inimigo do Islã</u> <u>DEMOGRAFIA O ritmo de crescimento da população muçulmana é o dobro da média mundial</u> <u>DIVERSIDADE Os contrastes e a história fascinante do mundo islâmico</u> <u>GUIA A religião de Maomé em 17 perguntas e respostas”</u></p>	<p>Neutro</p> <p>Ambivalente</p> <p>Ambivalente</p> <p>Neutro</p>
 <p>Capa 1718 – 19/09/2001</p>	<p>O império vulnerável</p> <ul style="list-style-type: none">- Os americanos prometem acabar com os países que abrigam terroristas- A perícia dos pilotos suicidas- Ocidente x Oriente: o choque de civilizações- A cultura do apocalipse entre os americanos- <u>As raízes do terrorismo islâmico</u>- O medo da recessão mundial	<p>Negativo</p>

A enumeração demonstrada no quadro foi separada de acordo com a relação textual, ou seja, as expressões que estavam relacionadas ao Islã. A primeira observação que pode ser feita é a ausência de um texto direcionado positivamente ao islamismo. O tema tornou-se pauta de acordo com a relevância noticiosa do Islã diretamente relacionada ao terrorismo. Uma comprovação disso é o fato de existir somente uma capa – a de número 1638, de 1/03/2000 –, que fale sobre o Islã antes do 11/09. Ainda assim, o texto tratava o Islã de forma *negativa*.

As associações das palavras Islã, muçulmano, islâmico (a) e Alá com termos relativos a expressões como “fanatismo”, “radicalismo” e “fundamentalismo” estão presentes em 14 chamadas das capas analisadas, sendo que somente duas foram consideradas expressões *neutras* e outras duas *ambivalentes*. Considerando o termo “fundamentalista” utilizado para designar extremismo religioso, pode-se também considerar a expressão “radicalismo” como sinônimo.



A chamada de capa do número 1638, de 1/03/2000, diz: “Islã, a derrota do fanatismo. O mundo respira aliviado com sinais de enfraquecimento na linha dura muçulmana”. Já a chamada de capa da edição 2206 traz: “Ódio religioso: a espantosa pregação dos clérigos muçulmanos sobre as mulheres e o terror”. Em ambas, o islamismo é tido como fanático e perigoso. A atribuição de adjetivações reforça uma ideia negativa do Islã com o uso da palavra “fanatismo”, por exemplo. No segundo grifo, utilizar as palavras “linha dura” ligada à palavra “muçulmana”, leva à interpretação de que o fanatismo, tanto quanto o “conservadorismo”, se apresentam como características únicas no islamismo. Na capa seguinte, foram observadas as palavras “ódio” e “religioso”, juntas, de forma que mais uma vez a chamada apela para a negatividade.

Nesses exemplos, são observados casos claros de uma tipificação negativa do Islã. Alsina (2009, p. 272) observa que “[...] nem sempre é fácil construir uma alteridade isenta de conotações negativas”. Entretanto, ressalta o peso de tal negatividade na construção da imagem “do outro” no jornalismo. “Digamos que, de uma maneira mais ou menos explícitas em muitas ocasiões, no imaginário cultural, ‘o outro’ se constrói como sendo um ser incompleto. De alguma forma, quem for categorizado como diferente aparece como um ser deficiente”. (Idem)

Além das adjetivações, pode-se notar a conotação das frases referentes ao Islã que costumam sempre apresentá-lo ao público como uma ameaça, aumentando as tensões de uma ideia pré-concebida de “Ocidente *versus* Oriente”. Moreira (2007, p. 13) diz que a mídia tem responsabilidade sobre a tensão que coloca entre os lados, e essas diferenças são reforçadas conforme a construção das chamadas. Como exemplos, podem ser citadas duas capas: as edições 2202 e 2216, de 2 de Fevereiro de 2011 e 11 de Maio de 2011, respectivamente. Na primeira capa, “Oriente Médio: Nada pode deter a marcha dos radicais islâmicos rumo ao poder”. E, na segunda: “Demografia: O ritmo de crescimento da população muçulmana é o dobro da média mundial”.



Na capa número 2202, torna-se evidente o uso da palavra “marcha” como forma de acentuar o acréscimo e avanço de “radicais islâmicos” rumo ao poder. Se o Islã só aparece nas capas quando a pauta é “radicalismo”, de que forma o personagem “islamismo” estará sendo construído no imaginário do leitor de *Veja*? Moreira (2007) diz que a mídia ajuda a reforçar um estereótipo de *terrorista* através do emprego de técnicas, das quais a característica principal seria a de poder vitimizar o Ocidente.

Na segunda chamada destacada, considerada *ambivalente*, a afirmação de que a população muçulmana está crescendo consideravelmente pode ser vista sob duas perspectivas. Na *positiva*, podemos considerar simplesmente um dado estatístico ou uma ascensão de adeptos da religião. Entretanto, nos referimos a uma capa em que a foto em destaque é o rosto de Osama Bin Laden. Abaixo dessa chamada, aparece: “Diversidade: Os contrastes e a história fascinante do mundo islâmico”. Mais uma chamada que é considerada *ambivalente*. Quando afirma que há algo fascinante, também afirma que existe um contraste, presumindo-se que há um lado bom e um lado ruim. “Por isso, quando se diz que alguém é diferente, costumamos esquecer no tocante a que esse ser é diferente. Portanto, implicitamente, e na sua ausência, constrói-se uma ‘normalidade’ da qual se interpreta o resto”. (ALSINA, 2009, p. 272)

No caso da cultura islâmica essa relação ocorre conforme a citação do autor, em que o Oriente é colocado em uma posição de dúvida, ameaça ou “diferença”. Essa dicotomia citada pelo autor pode ser vista nas capas em que o Islã ou o Oriente aparecem como uma ameaça ao Ocidente, ou seja, a antiga relação entre o “bem e o mal”, o “ditador e o democrata”. Essa relação foi explorada na capa referente aos atentados de 11/09, a edição 1718, do dia 19/09/2001. Nessa capa, a dicotomia é expressa claramente na chamada: “Ocidente x Oriente: o choque das civilizações”. Além disso, a “vitimização” do Ocidente, conforme proposto por Moreira (2007) também é evidenciada.

Nas edições demonstradas no Quadro 2, objetividade, simplificação e generalização ficam evidentes em relação ao Islã. Todas elas, sem exceção, relacionaram o islamismo ao radicalismo. Isso corresponde a uma única realidade



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

interpretada repetidamente pela revista *Veja*, em que a religiosidade e a fé nem sequer são mencionadas.

Considerações finais

Considerando que o número de muçulmanos é baixo, se comparado ao número de cristãos existentes no Brasil, muitos brasileiros não têm um *background* formador sobre o assunto, ou mesmo não possuem uma referência sobre o Islã baseada na própria realidade social da vida cotidiana. Nestes casos, a única referência é aquela adquirida através de terceiros, sendo a mídia uma dessas possibilidades. Por isso, a forma como essa religião é representada na mídia pode ser significativa na construção de visão sobre o Islã. O que é preocupante, já que se observa que em todas as capas da revista mais lida do País a religião muçulmana foi configurada em associação ao radicalismo e à violência.

O Islã só foi merecedor de capa quando retratava os conflitos no Oriente Médio, ou aos radicais islâmicos. Ainda que outros conflitos tenham ocorrido na década de 1990, a representação do Islã é destacada a partir da década de 2000, principalmente após o 11/09. Entretanto, muitas vezes ainda foi utilizada como uma forma de generalizar ou simplificar uma complexidade da realidade islâmica ou do próprio Oriente Médio. Assim como o uso das imagens de mulheres de burca, visivelmente utilizadas no intuito de caracterizar a religião do Islã como violenta ou repressora. Uma parte do mundo islâmico, certamente, porém não a única, mas a que recebeu destaque na revista *Veja*. Nenhuma capa analisada trouxe o Islã de forma positiva, ao contrário do que ocorreu com edições que enfatizavam a religião cristã (seja católica ou evangélica).

Referências



ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2004.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.

KAMEL, Ali. **Sobre o Islã: a afinidade entre os muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (org.).

Textos em Representações Sociais. 6. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000.

MOREIRA, Deodoro José. Mídia, fundamentalismo e terror: a lógica da barbárie.

Jornalismo e Mídia. v. IV, n. 1, 1º Semestre 2007.

SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.